



Lando Tetsuro Nishida formou-se em 2005 na Poli/USP e hoje trabalha como gerente de projetos no Lean Institute France. É o responsável pela aplicação do método de gestão, baseado no Sistema Toyota de Produção, em fábricas de diversos países na Europa e na Ásia. Já conhece assim mais de 80 empresas. Além de tudo isso, ele ainda está fazendo a conclusão do seu mestrado.

► Lando Tetsuro Nishida

Aos 28 anos ele é responsável por projetos na Itália, França, Eslováquia, Polônia, Espanha, Tailândia, Áustria, Hungria, Alemanha, Dinamarca, Finlândia e Suécia.

JC – Ao terminar o Colégio Etapa você prestou vestibular para quais faculdades e carreiras?

Lando – Prestei USP e Unesp, para Engenharia Mecânica, e Unicamp, para Física. Eu gostava também de Física, e a Unicamp era uma das mais fortes na parte de pesquisa.

Você passou direto na Unesp e na Unicamp. Por que decidiu esperar e tentar novamente a USP?

Eu pretendia ficar em São Paulo. Fiz o cursinho e entrei na Poli.

Durante o curso você chegou a ter dúvida sobre sua escolha de carreira?

Não. Era a minha carreira. A grande vantagem da Engenharia é a forma como você começa a pensar. Você aprende a buscar soluções por conta própria. Tem um problema, analisa, busca soluções, resolve. Essa base de Engenharia, essa forma de pensar é uma vantagem quando você entra no mercado de trabalho, porque é aplicável a qualquer tipo de situação, em qualquer profissão ou carreira.

Como se desenvolveu o curso na Poli, ano a ano?

No 1º e no 2º ano teve Física Geral, Cálculo, Química Geral e algumas matérias genéricas de cada área, bem básicas mesmo. No 3º ano, na área específica, no meu caso Mecânica, começaram Elementos de Máquinas, Metodologia de Projetos, Cálculos Estruturais, Análises de Componentes Mecânicos, Mecânica dos Fluidos, Termodinâmicas – e aí vai até o final. O último ano é para o estágio obrigatório de seis meses e o Trabalho de Conclusão de Curso.

Você participou de alguma outra atividade na Poli?

Eu participava de uma equipe de competição com o Baja, que é um carro para pista de terra. Acho que um ponto importante na Poli foi essa atividade extracurricular, que é mais prática: você projeta e fabrica o carro com sua equipe. Apesar de na época não fazer parte da estrutura curricular, hoje é matéria opcional. As pessoas da equipe fazem projetos e recebem créditos.

Essa competição é muito disputada?

A competição é organizada pela SAE Brasil [Sociedade de Engenheiros da Mobilidade, que nos Estados Unidos chama-se Society Automotive Engineers]. Tem umas 80 equipes no Brasil, de faculdades de Engenharia. Os primeiros colocados vão para os Estados Unidos competir.

Nesta Edição

entrevista	1
Carreira – Engenharia Mecânica	1
desafio	4
Um por dia(?)	4
conto	5
As festas de reis da minha prima – Raul Pompeia	5
artigo	7
Café contra Alzheimer.	7
para treinar seu inglês	7
Comics	7
pois é, poesia	8
Fernando Pessoa (Alberto Caeiro)	8

Quando entrei na equipe, no segundo semestre do 1º ano, a Poli ficava nos últimos lugares. Uma das minhas metas era fazer com que isso mudasse. A gente colocou metas de redução de peso. A cada ano, 10% de redução de peso. “Onde dá para otimizar?” Cheguei ao posto de capitão da equipe, e quando saí a Poli tinha conseguido um 20º lugar; hoje está nas primeiras colocações, participando da competição nos Estados Unidos.

Quando você começou a estagiar?

No 5º ano, em 2004. Tem gente que começa no 4º ano, se não tiver muitas dependências.

A Poli é em período integral. As empresas são flexíveis na questão de horário com os estagiários?

Tem empresas com flexibilidade. Agora, se for empresa de grande porte fica um pouco difícil, porque, mesmo como estagiário, você é um funcionário e tem um horário a cumprir. Mas em várias consultorias o horário é mais flexível. Eu fui estagiar em uma delas.

Qual consultoria?

Lean Institute Brasil.

Como estagiário você começou fazendo o quê?

Primeira coisa: leitura bibliográfica dos conceitos que a consultoria adota, com base no Sistema Toyota de Produção. A consultoria ensina as empresas a aplicar um método de gestão de processos, tanto industriais como administrativos, para diminuir os desperdícios, reduzir custos, aumentar a lucratividade e tudo mais. Só para registrar, em agosto de 2007, o presidente do Lean Institute Brasil, Prof. José Roberto Ferro, foi convidado a fazer uma palestra no Etapa, para os alunos da ESEG, sobre como melhorar a gestão das empresas. Eu já tinha sido efetivado como analista de projetos e o acompanhei nessa palestra.

Em 2007 você era analista de projetos. Como foi sua evolução na carreira?

Fiquei como estagiário em 2005 e 2006, fui efetivado em 2007 como analista de projetos e depois passei a gerente de projetos, que cuida de um projeto como um todo, de uma empresa, uma indústria, o que seja, hospital, banco. Eu fiz Engenharia Mecânica, participei do Baja e minha carreira óbvia seria na indústria automobilística, na parte técnica, em desenvolvimento de produto. Porém, a área em que estou agora é de gestão de produção, gestão de peças industriais. A vantagem que tenho, por ser formado em Mecânica, é que na fábrica eu consigo ter uma noção melhor das máquinas e de seu funcionamento.

Hoje você trabalha na Europa. Como ocorreu essa mudança?

Minha ideia era ter experiência no exterior, e, enquanto trabalhava no Brasil, cuidei de um projeto para uma empresa na Argentina. Por coincidência surgiu uma oportunidade na mesma rede de consultoria, no Lean Institute France, que tem

sede em Lion. Com base na experiência de consultoria da França aplicada aqui, queria fazer o mesmo tipo de projeto na Europa toda, em 34 países, até 2011. Como eu tinha experiência aqui e na Argentina, eles me chamaram.

Você saiu direto do Lean Institute Brasil para o Lean Institute France?

Não. Devido à minha vontade de fazer algo mais internacional, em janeiro de 2008, saí do Lean Institute Brasil e fui para a Espanha, onde eu tinha alguns colegas. O meu ex-chefe apoiou e até me deu algumas indicações. Mas eu não tinha nada fixo. Fiquei três meses em Madri, de fevereiro a abril, fui a algumas reuniões em empresas, mas no final o Institute Lean France me chamou e optei por essa oportunidade. Antes de ir para Lion, porém, voltei para São Paulo e fiquei dois meses em um projeto pontual de outra consultoria, a Honsha. Em junho, começaram a me chamar em Lion, porque o projeto já estava fechado na França e em alguns outros países, Portugal principalmente. Fui em julho. Eu seria o responsável por todo o projeto.

Você está cuidando de projetos em vários países?

Na Europa e na Ásia. Comecei com Portugal, em duas fábricas de produtos de construção civil. As duas plantas estão sendo concluídas e eu sou responsável indiretamente por cuidar para que consigam resultados no final do projeto. Ser responsável indiretamente significa ter alguma pessoa responsável no país e eu faço o acompanhamento dessa pessoa. Havia outros quatro projetos, na Itália, França, Eslováquia e Polônia, e em julho deste ano entraram mais quatro países, Espanha, Tailândia, Áustria e Hungria, nos quais eu sou diretamente responsável. Em setembro, entraram Alemanha, Dinamarca, Finlândia e Suécia.

Você tem de visitar todas essas obras?

Sim, as fábricas. O objetivo é melhorar essas fábricas, treinando algumas pessoas internamente e fazendo acontecer as coisas. Eu faço visitas mensais, semanais em alguns casos, quando é um pouco mais crítico, mas basicamente estou indo todo mês a quase todas elas. Quando sou indiretamente responsável faço reunião com as pessoas responsáveis em cada local.

Como você consegue gerenciar todas essas atividades?

O tempo é bem curto, chego a visitar dois ou três países por semana, e procuro aproveitar o máximo do “tempo morto”. Para mim, tempo morto é o que fico esperando no aeroporto, dentro do avião, no trem. Vou trabalhando nas coisas possíveis, incluindo a tese de mestrado que vou defender este ano, *e-mails*, faço tudo nesses momentos.

Você pretende continuar nessa experiência internacional?

Pretendo ficar mais dois, três anos, até o término do projeto, e voltar para o Brasil, parar um pouco com essa vida de hotel-aeroporto-fábrica, ficar mais estável e trabalhar em um lugar fixo. Não ter de ficar viajando tanto.



Você pretende voltar para a área técnica? Onde estão as maiores oportunidades?

Na área de gestão tem muito mais, você consegue ver a empresa como um todo. Acho isso uma grande vantagem.

Você disse que nas viagens cuida de sua tese de mestrado. Quando começou e quando vai defender a tese?

Comecei o mestrado em 2007 e concluo este ano.

Como você conseguiu fazer o mestrado, trabalhando no exterior?

No mestrado, você tem certo número de créditos que precisa cumprir. Há pessoas que fazem as matérias e só depois começam a escrever ou pensam no tema. Eu comecei as matérias e já fui escrevendo a dissertação. Fui fazendo porque já sabia que o meu tema seria Desenvolvimento de Produto – aplicação dos conceitos de melhoria de gestão e desenvolvimento de produtos. Terminei todas as matérias este ano e fiquei livre para fazer só a dissertação. Assim eu poderia terminar em qualquer lugar em que estivesse, independente de não estar mais vinculado fisicamente à faculdade.

Qual foi o diferencial para você conseguir trabalhar no exterior?

Posso dizer que é difícil conseguir um emprego estável, bom, no exterior. O que me garantiu foi, primeiro, a área em que atuo, digamos que é um nicho. É um conhecimento de melhoria de gestão que agora as indústrias estão aplicando mais, tem demanda. A segunda razão é que eu tinha experiência prévia aqui no Brasil e na Argentina, já tinha uma base e um histórico em relação a isso. Terceira razão, línguas. Eu sabia falar Inglês, Espanhol e Japonês. Isso me ajudou bastante. Inglês e Espanhol, com certeza.

E o Francês? Sua sede é em Lion.

O Francês eu entendia 30% no começo. Depois, na prática, você aprende. No começo, eu me comunicava em Inglês com todas as pessoas.

Mas os franceses não têm restrições a quem não conhece o idioma deles?

Existe esse mito, mas a empresa é multinacional e a língua oficial é Inglês. Com a globalização, Inglês é fundamental. Troca de informações, arquivos, tudo é em Inglês.

Como você avalia sua carreira até hoje?

Talvez eu tenha feito um pouco diferente da maioria das pessoas. Terminei a faculdade já entrando numa consultoria, conhecendo diversos processos, diversas

indústrias. Uma desvantagem no começo da carreira de consultoria é que eu era sempre a pessoa mais jovem nas reuniões com clientes. Isso foi uma dificuldade no começo. Mas, depois de algum tempo, você ganha experiência em como resolver os problemas em diferentes situações e cria uma boa bagagem para lidar com as empresas.

Quantos analistas estão subordinados diretamente a você?

Na verdade são gerentes de projetos e todos são mais velhos que eu. Eu tenho por enquanto oito gerentes. Mas, como estão entrando novos países no projeto, pode ser que aumente.

O que você diria a quem vai disputar uma vaga em Engenharia?

Engenharia é sempre uma opção que não tem risco. Se você é engenheiro, consegue atuar em qualquer área.

Hoje em dia a parte de consultoria está forte na área de Engenharia ou a parte mais técnica continua prevalecendo?

Do ponto de vista da pessoa que está se formando, eu acho bom entrar em uma área técnica para desenvolver suas habilidades, seus conhecimentos. Mas na área de consultoria a grande vantagem é que você não fica só num lugar. Há muito mais possibilidade de conhecer diversos setores, diversas indústrias, diversos tipos de empresa. No começo da carreira isso foi um ponto positivo para mim – até agora conheci mais de 80 empresas em processos diferentes.

Que recordações você tem da época do colégio?

Das aulas, dos simulados, das pessoas – os amigos e os professores que influenciaram e marcaram minha trajetória.



Jornal do Colégio ETAPA

Editado por Etapa Ensino e Cultura
Redação: Rua Vergueiro, 1 987
CEP 04101-000
Paraíso – São Paulo, SP

Jornalista Responsável
Egle M. Gallian – M.T. – 15343
